



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253

v. 15, n. 1, jan./jun., 2009

A Educação no Século XXI: desafio da diferença pura¹

SANDRA MARA CORAZZA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

Parto do Epitáfio de um século passado para chegar à Transmissão de Vida. Logo, vou da Morte para a Vida. Tiro, então, fotografias de uma subjetividade do nosso século com uma Câmara Clara. Em seguida, formulo 22 perguntas, sem ter nem esperar respostas. Trago a Herança, a Tradição, a Bagagem; digo duas maneiras de lidar com elas. Sintetizo muito para falar de três tempos da Educação que atravessam os séculos. De vez em quando, leio post-scriptuns. Por fim, termino, sem concluir, para dar início aos debates.

Palavras-chave: Educação. Herança. Professores. Currículo. Transmissão.

Education in the 21st Century: the pure difference challenge

ABSTRACT

I start from an epitaph of the last century to arrive at the Transmission of Life. So, I go from Death to Life. I take, then, some photographs of the subjectivity of our century with a Camera Lucida. After that, I formulate 22 questions, but I do not wait for the answers. I bring Heritage, Tradition, and Background Knowledge; I show two ways of dealing with them all. I synthesize very much in order to speak of three times Education moves through centuries. Once in a while, I read postscripts. Finally, I finish. No conclusions. Just to start the debates.

Key words: Education. Heritage. Teachers. Resume. Transmission.

Sandra Mara Corazza

Doutora em Educação pela UFRGS. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS.

Pesquisadora e Coordenadora do Grupo de Pesquisa "DIF - artistagens, fabulações, variações" junto ao CNPq.

E-mail: sandracorazza@terra.com.br

¹ Apresentado no Colóquio Brasileiro Educação na Sociedade Contemporânea-COBESC. Campina Grande, PB, 18 de junho de 2008.

Epitáfio Para o Século XX

(Affonso Romano de Sant'Anna)

1. Aqui jaz um século
onde houve duas ou três guerras
mundiais e milhares
de outras pequenas
e igualmente bestiais.
2. Aqui jaz um século
onde se acreditou
que estar à esquerda
ou à direita
eram questões centrais.
3. Aqui jaz um século
que quase se esvaiu
na nuvem atômica.
Salvaram-no o acaso
e os pacifistas
com sua homeopática
atitude
– *nux vômica*.
4. Aqui jaz o século
que um muro dividiu.
Um século de concreto
armado, canceroso,
drogado, empestado,
que enfim sobreviveu
às bactérias que pariu.
5. Aqui jaz um século
que se abismou
com as estrelas
nas telas
e que o suicídio
de supernovas
contemplou.
Um século filmado
que o vento levou.
6. Aqui jaz um século
semiótico e despótico,
que se pensou dialético
e foi patético e aidético.
Um século que decretou
a morte de Deus,
a morte da história,
a morte do homem,
em que se pisou na Lua
e se morreu de fome.
7. Aqui jaz um século

que opondo classe a classe
quase se desclassificou.
Século cheio de anátemas
e antenas, sibérias e gestapos
e ideológicas safenas;
século technicolor
que tudo transplantou
e o branco, do negro,
a custo aproximou.

8. Aqui jaz um século
que se deitou no divã.
Século narciso & esquizo,
que não pôde computar
seus neologismos.
Século vanguardista,
marxista, guerrilheiro,
terrorista, freudiano,
proustiano, joyciano,
borges-kafkiano.
Século de utopias e hippies
que caberiam num chip.

9. Aqui jaz um século
que se chamou moderno
e olhando presunçoso
o passado e o futuro
julgou-se eterno;
século que de si
fez tanto alarde
e, no entanto,
– já vai tarde.

10. Foi duro atravessá-lo.
Muitas vezes morri, outras
quis regressar ao 18
ou 16, pular ao 21,
sair daqui
para o lugar nenhum.

11. Tende piedade de nós, ó vós
que em outros tempos nos julgais
da confortável galáxia
em que irônico estais.
Tende piedade de nós
– modernos medievais –
tende piedade como Villon
e Brecht por minha voz
de novo imploram. Piedade
dos que viveram neste século
per seculae seculorum.

1 - A CÂMARA CLARA

A carioca Bettina Maciel é fã de música estrangeira: aprecia as bandas Black Eyed Peas e Rolling Stones e sabe letras e coreografias de Britney Spears e Beyoncé. Usa vestido curtinho ou calça jeans (marca Diesel, de preferência), com sandália de salto, intercalados com conjunto de moletom e tênis All Star, um visual inspirado no filme americano *High School Musical*, sobre adolescentes que querem se sair bem em um espetáculo musical da escola. Quando sai de casa, não deixa de pôr na bolsa brilho para os lábios, óculos escuros e escova de cabelo. Antes de dormir, Bettina toma mamadeira, compreensível para um adorável toquinho de gente que ainda não fez 4 anos – o aniversário é em dezembro e ela quer uma câmera digital ou um iPod.

O mineiro Bruno Augusto Barbosa, de 11 anos, desde os sete compra roupas e acessórios sozinho. Gasta R\$ 250,00 por mês, com perfumes franceses, Cds, cinema e decisões dele próprio: “É um menino maduro”, afirmam os seus pais.

André, 10 anos, aluno de uma 3ª série em São Paulo, descobriu o sexo. Ele conta: “A TV ensina os truques. A escola só enrola. Acho que o sexo tem de descobrir por você mesmo, se não, não dá. Tem de ser na TV, na vida. Foi assim: quando eu tinha 5 anos, vi um filme, que na época achei esquisito. Um homem chegava perto de uma mulher com os seios de fora na piscina e falava: 'Quero te comer'. Não entendi nada. Como assim, 'comer'? Com garfo e faca? Foi superestranho, animal! Fiquei perturbado. Armazenei aquelas cenas na cabeça. Nunca tinha visto nada parecido. Perguntei à professora: ela disse um monte de baboseiras. Perguntei ao meu pai: ele disse algumas verdades, só algumas; depois, veio com um papo de sementinhas se juntando. Então, resolvi aprender por conta própria: fui na banca de jornais da esquina, olhei revistas, perguntei para amigos mais velhos. Fui ficando *expert*. Hoje, não tenho mais dúvidas sobre sexo. Sou um homem resolvido. Agora é só fazer. Já tenho as manhas. Sei do que uma mulher gosta”.

Ana Meire, 12 anos, está nas ruas de Manaus desde os 8. Já aprendeu os truques da profissão: não entra no motel ou no carro sem receber o dinheiro antes, que é guardado por uma amiga. Quando chegou, caminhava para a boate, sem saber que ia para a prostituição forçada. Se não dormisse com homens, não teria alimento e ficaria presa no quarto. Os homens uivavam à passagem do lote de garotas. Gritavam: “Carne fresca, minha gente!” Uma prostituta de mais idade que assistia ao desfile berrou:

“Chegou mais muié pra ser ralada”!

Na região de Butiá e Arroio dos Ratos, RS, Alessandro Rodrigues, 10 anos, trabalha 11 horas por dia. Empilha um metro quadrado de acácia no chão, o equivalente a 600 quilos. Ao final do dia, os empreiteiros de extração da madeira pagam-lhe os R\$ 2,70 correspondentes a seu trabalho.

Entre os muitos fenômenos com origem na penúria africana, um dos mais pungentes é o das crianças-feiticeiras de Kinshasa, a capital da República Democrática do Congo, ex-Zaire. São crianças às quais são atribuídos poderes capazes de causar desgraças diversas a suas famílias, conhecidos e vizinhos. Muitas acabam abandonadas pelos pais e viram crianças de rua.

J. S., 15 anos, interno num instituto para infratores do Rio de Janeiro, começou a vender drogas para realizar um sonho: ter um tênis de marca. Ele diz que começou, aos 7 anos, como olheiro, depois foi fogueiteiro, e, antes de ser internado, era avião de maconha e cocaína. Queria chegar a soldado, para fazer a segurança dos pontos. Os traficantes eram seus amigos: “Eles me davam balas e brinquedos. Gostei quando me chamaram para trabalhar. Isso não é trabalho para qualquer um, não. Tem que ter responsabilidade, apanhar da polícia e aguentar sem abrir o bico”.

2 - PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

1) Diante de um Mundo como o que nos tocou viver e habitar, como educar para uma vida bem-sucedida, que escape às ilusões da transcendência e de um desejo de eternidade, e forneça a alegria spinozista da potência afirmativa de viver?

2) Como ouvir o Fora, para, a partir dele, ampliar os modos de produção da Subjetividade, para que não fique mais reduzida à Subjetividade Capitalística (vazia, banal, vulgar)?

3) Como abrir-se para as subjetividades emergentes?

4) Como lidar com as subjetividades esgarçadas de hoje?

5) Diante de velhas formas inerciais que caducaram, como inventar novas formas de pensar, de existir, de subjetivar-se, de relacionar-se?

6) Mesmo impregnados pelas dicotomias Natureza/Cultura, Acaso/Necessidade, Homem/Mulher,

Ocidente/Oriente, como criar um Pensamento da Multiplicidade, que se oriente na tessitura complexa, formada pelo tecido fibroso da realidade contemporânea, e que transborda esses pares, ao introduzir, no meio deles, dobras insuspeitadas?

7) Como nos expor, sem sucumbir, às novas forças de um Mundo Polimorfo?

8) Como nos virar, diante da megamáquina capitalista, que não cessa de produzir novas formas de controle social e subjetivo, novas formas de miséria, violência e horror?

9) Como criar sensibilidade para e cuidar das Linhas Moleculares e de Fuga, que atravessam as Linhas Molares do Rebanho (da Multidão)?

10) Como não tombar fascinados pelas Globalização, de modo a não perder a capacidade de criticá-la e de realizar diagnósticos?

11) Como não entrar num Niilismo absoluto e num Pessimismo atávico, diante dos existentes abismos econômicos, sociais, culturais, tecnológicos?

12) Como lidar com a Nova Geografia e com a Rede Planetária, cada vez mais acentradas e complexas?

13) Como educar, num tempo de Tecnocosmos, de Ciberespaço, de Informatização galopante, de Cultura Googleana, de Bioética, de Biodiversidade, de Células Tronco?

14) Quais os efeitos, para a Educação, o Currículo, a Pedagogia, da relação apaixonada das crianças e jovens de hoje com a Mídia e a Publicidade?

15) O que resta de subjetividades em Devir-Revolucionário, neste Mundo Novo, chamado Pós-Moderno ou Contemporâneo?

16) De quais focos de Resistência Molecular dispomos contra a serialidade da Subjetividade Capitalística e seus neo-arcaísmos, feitos de retornos ao misticismo, culto ao natural, adoração ao transcendente?

17) Como ainda encontrar e inventar Zonas de Mistério e Singularidades, no meio de subjetividades laminadas pela máquina mass-mediática planetária?

18) Como contornar, e mesmo destruir, todo e qualquer sistema de modelização: teórico, teológico, estético, subjetivo?

19) Como reposicionar os fatores ontológicos de Fuga, tais como os Fluxos, os *Phyluns* Maquínicos, os Territórios Existenciais, os Universos Incorporais, os

Vapores dos Acontecimentos? Tudo o que se passa Entre os Corpos, as Coisas, as Identidades?

20) Como metamodelizar novas figuras transitórias de conjunções intensitárias?

21) Quais os novos procedimentos e estratégias que podemos criar para nunca mais sermos obrigados a tolerar o Intolerável?

22) Quais os novos Mundos Possíveis que precisamos reinventar para bem-educar e bem-viver no Mundo de Hoje?

3 - HERANÇA

Nos dias de hoje, nós, educadores, já temos condições teóricas e práticas de indagar: *O que já sabemos e fizemos em Pedagogia, Currículo, Educação? O que, atualmente, temos condições de saber e fazer? O que, daqui para a frente, poderemos fazer com tudo isso? E também temos condições de responder: Já fizemos muita coisa e sabemos outras tantas.*

Desde o século XVII, com a institucionalização da educação de massas, a Pedagogia e o Currículo vêm, histórica e politicamente, se constituindo. Em função disso, somos herdeiros de uma longa tradição, bem mais antiga do que nós. Uma tradição de educar as novas gerações, ensinar-lhes conhecimentos, governar suas atitudes, hábitos, sentimentos, discipliná-las, para que vivam e sobrevivam, relativamente bem, no tempo e espaço que lhes tocou viver.

Não podemos negar e destruir totalmente essa tradição. Mesmo quando nos opomos a ela; mesmo quando a acusamos por seus efeitos negativos; mesmo quando criticamos os seus equívocos; quando dizemos que, dela, nada queremos nem esperamos, ainda é dela que estamos nos ocupando, porque este é um jeito, o crítico ou desconstrutor, de também ser filiado àquela tradição.

E nós, que somos filhos reais, simbólicos, imaginários, de tantos pais, mestres, guias, autores, crenças, sabemos que é assim que a filiação funciona. Improdutivos são aqueles educadores que ficam por fora: fora dessa tradição, fora dessa história, fora desse acúmulo.

Acúmulo que é produzido, às vezes, por seguir cegamente doutrinas ou dogmas; mas, em outras vezes, por transgredir o existente e subverter o possível. E, em consequência, por inventar o novo, fabricar o que ainda

não existiu nem existe, mas que nós podemos fazer existir, justo porque temos toda uma história que nos dá sustentação para isso.

As coisas, palavras, pensamentos, teorias, práticas educacionais não existem por si mesmas, não estão fixadas, não são eternas nem universais. Elas não são. Ou melhor: são à medida, e somente à medida, que se fazem, à medida que se revelam como um por-fazer, como um esforço de conquista e de reconquista dos percursos da Educação.

É assim, conquistando e reconquistando, que se dá o jogo de herdar e de legar, de herdar e de transmitir, de receber e de entregar, e é assim que se faz a história da Pedagogia e do Currículo.

Conquista-se e reconquista-se o que se herda, para que assim se torne verdadeiramente nossa herança, com a qual faremos outras coisas, diferentes, inéditas, novas, para deixá-las também de herança àqueles que virão depois de nós.

Para isso, é preciso desaprender-perder-esquecer o dado e o feito, que nos legaram, fazer deles uma coisa-nenhuma ou nenhum-dado, nenhum-feito. É preciso desaprender o aprendido para poder ser partícipe das forças de transformação, transfiguração, transmutação e criação da Educação. Ser educador não é só acumular, guardar, conservar, usar, mas ainda abandonar, largar, gastar e, neste gasto, readquirir, retomar, para poder se revitalizar.

A partir dessa perspectiva, é que podemos dizer que todos os que educaram e educam vivemos três grandes tempos históricos, em termos dos saberes e dos fazeres pedagógicos e curriculares: 1) o tempo da *Neutralidade Iluminada*; 2) o da *Suspeita Absoluta*; e 3) o do *Desafio da Diferença Pura*.

4 - TEMPOS DA EDUCAÇÃO

4.1 - Neutralidade Iluminada

O tempo da Neutralidade Iluminada foi o nascente da Pedagogia e do Currículo. Aquele em que os educadores acreditaram que eram simples mediadores ou da Religião ou da Ciência e que a sua missão era apenas transmitir conhecimentos, modos de ser sujeito e valores, tidos como unívocos, eternos, universais.

Consideravam-se, por isso, iluminados e aquilo que

ensinavam não era problematizado, desde que tinham toda segurança de estarem educando para o Bem e para a Verdade. Este tempo foi abundante, em termos da elaboração e consolidação da Educação, tendo durado do final do século XIX até a metade do XX.

Foi um tempo de fortalecimento do capitalismo e do comunismo, de descobertas científicas e tecnológicas, de mudanças nos modos de vida e nas relações, nas formas de produção e de trabalho; mas, um tempo também das duas guerras mundiais, bombas atômicas, campos de concentração, extermínios em massa.

Entretanto, todos continuavam educando, e muito, pois foi tempo de criar a necessidade de Educação para todos, tornar a Escola gratuita e obrigatória, formular currículos adequados ao progresso social. Tempo de relacionar escola e mundo do trabalho, criança e aluno, aluno e produto, professores e profissão, metodologias e resultados, democracia e currículo; de formular as Ciências da Educação, que levaram os professores a conhecer mais e melhor o sujeito a ser educado, o ensino, a aprendizagem, o planejamento, a avaliação. Ou seja, foi um tempo muito importante e o que nele foi feito também, já que teve início e consolidaram-se a Pedagogia e o Currículo, e foram produzidas as condições históricas para que um outro tempo educacional pudesse ser construído.

PS: Este é o Tempo Estado Inicial: Tempo Fio-Terra.

4.2 - Suspeita Absoluta

Assim foi e, após várias décadas, o mundo tornou-se crítico de si mesmo. Os educadores, a sociedade e o Ocidente viram que era hora de avaliar o que tinham recebido da tradição e os efeitos do que eles mesmos tinham ajudado a criar.

As principais ideias e práticas educacionais assumiram, então, duas principais orientações: as liberais, a serviço das melhorias do capitalismo, e as socialistas, que se opunham tanto às formulações da Neutralidade Iluminada quanto às da Suspeita Absoluta de origem capitalista liberal.

Foram as orientações socialistas que tiveram, nesse período, uma importância decisiva para a Pedagogia e o Currículo. Classes sociais, relações de produção, necessidade de conscientizar os explorados de sua exploração, lutas por emancipação e libertação de

vários grupos, denúncias da Escola como reprodutora das injustiças sociais e mantenedora do *status quo* cultural: tudo isso constituiu os ingredientes para que a Pedagogia e o Currículo armassem uma grande *Escola da Suspeita*.

Os educadores passaram a verificar o quanto de ideologia havia no currículo oculto, por trás do currículo oficial; a desmontar a educação bancária e distanciar as pedagogias progressistas das conservadoras; a verificar a dominação de classe operante em cada conteúdo; a analisar politicamente tudo que era feito em Educação, inclusive, o que eles próprios faziam.

Foi um tempo de politização da Educação; de lutas por melhores condições de trabalho e salários dignos; de organização em sindicatos; da realização de greves e cobranças ao Estado e aos patrões por direitos sociais e respeito profissional e humano. Um tempo em que as professoras mulheres não aceitaram mais que educar fosse a extensão de criar os filhos, mas que elas eram profissionais e, como tais, deveriam ser tratadas. Um tempo, no qual reconhecia-se que educar é transmitir novos saberes, comportamentos, modos de ser; mas que, por outro lado, também é controlar, moldar, humilhar, excluir, reproduzir privilégios e causar sofrimentos.

Tempo das pedagogias e dos currículos críticos, radicais, emancipatórios, progressistas, cidadãos; de Paulo Freire e de sua Educação Libertadora; de relacionar a Educação a questões de poder, saber e identidade; de compreender os processos de controle e regulação pelos quais as pessoas tornam-se aquilo que são.

Assim, retirava-se o papel ingênuo, universalista e eterno da Pedagogia e do Currículo e lhes atribuía a dimensão de serem campos políticos, socialmente interessados, territórios de culturas em luta, bastante fortes para construir uma ou outra realidade, uma ou outra sociedade, um ou outro valor, um ou outro tipo de sujeito.

Este tempo, ao modo daquele da Neutralidade Iluminada, foi muitíssimo importante pelo que realizou, em prol das classes e grupos subordinados, dos movimentos alternativos e não-estatais, dos engajamentos e militâncias de seus professores, e de tudo o que preparou no caminho para o tempo que veio depois. E que é este nosso.

PS: Este Tempo é o do Retorno a Zero. Não é dialético, mas um tempo rico de recarga de complexidade, por meio de um banho caótico. O Tempo Zero reserva sempre surpresas: a partir de pontos de

singularidade, podem partir novas linhas de Possível.

4.3 - *Desafio da Diferença Pura*

Aconteceu que vivemos mais algumas décadas, o mundo foi globalizado e a crueldade mundializada. Entramos em um novo século e milênio, experimentamos sucessos e muitos fracassos; mudaram as condições sociais, os espaços, relações, identidades, racionalidades, culturas.

Hoje, somos educadores que educam em tempos Pós-Modernos. Se o da Neutralidade Iluminada e o da Suspeita Absoluta são tempos integrantes da Modernidade e da Educação Moderna, este de agora é cria legítima da Pós-Modernidade e da Educação que lhe corresponde.

Chamo-o tempo de *Desafio da Diferença Pura* porque suas concepções e práticas atestam a existência dos diferentes, que povoam nossas casas e ruas, escolas e salas de aula, dias e noites. Diferentes, que são os homossexuais, negros, índios, pobres, mulheres, loucos, doentes, deficientes, prostitutas, marginais, aidéticos, migrantes, colonos, criminosos, infantis-adultos, todos os que foram denominados *minorias*, isto, todos os *Sem...*; os quais, por tanto tempo, ficaram borrados e excluídos, calados e subordinados, dominados e pisoteados pela lógica da Identidade-Diferença, mas que, hoje, por força de suas próprias lutas, são diferentes em si-mesmos, essencialmente-outros, não-idênticos, outros-diversos, puros em si mesmos, não aceitando mais serem vistos como vítimas ou culpados, fontes do mal, ou desvios a serem tolerados; e para que nunca mais suas diferenças sejam governadas, traduzidas, calibradas, reparadas ou integradas ao velho *Princípio da Identidade Universal*.

Por isto, nos dias que correm, os movimentos sociais e a teorização cultural e social não podem mais ser os mesmos; o Currículo e a Pedagogia não podem agir e nem pensar como antes; os professores e alunos não podem educar nem serem educados como até então.

Eles saem da camisa-de-força da categoria de classe social (embora ainda a considerem, especialmente nos países com alta concentração de renda), para explodir os seus entendimentos e práticas em mil pequenos marcadores sociais, e que abrem a agenda educacional para questões de gênero, escolhas sexuais, nacionalidade, multiculturalismo, religiosidade, papel construcionista da linguagem, força da mídia e dos artefatos culturais, processos de significação e disputas

entre discursos, políticas de identidade, novas comunidades, migrações, xenofobia, integristismo, racismo, etnocentrismo.

Desse modo, a Pedagogia e o Currículo, os professores e sua formação, as didáticas e as metodologias, a Escola e a Educação são impelidas a tornarem-se em tudo mais culturais e menos escolares, porque este é um tempo babélico de mapas plurais dos povos de diferentes, em que estamos tão desafiados, como educadores, que chegamos a nos sentir encurralados.

Tempo, em que as concepções educacionais, até então predominantes, não deixam de ter importância e, inclusive, de funcionarem na sociedade e em nós; mas, no qual, não dão mais conta deste outro mundo e do seu tempo, bem como das experiências e relações que neles vivemos; embora, em tal diagnóstico, todas essas concepções convivam e circulem entre si: o que éramos e o que somos, o que pensávamos e o que pensamos, o que sentíamos e o que sentimos, o que desejávamos e o que desejamos agora.

Nenhuma pedagogia e nenhum currículo ultrapassa ou substitui o anterior, em direção ao melhor, mais avançado, mais perfeito; mas, cada pedagogia e cada currículo, cada um de nós, todos os grupos, ações, palavras, políticas, países, povos, indivíduos estamos em metamorfose, somos híbridos, mestiços, multifacéticos, polimorfos, de traços caleidoscópicos, velhos e novos, pretos e brancos, homens e mulheres, grandes e pequenos, ricos e pobres.

Porque somos educadores-sempre-muitos – neutros e da suspeita e do desafio da diferença pura –, as diferenças puras dos diferentes não existem para que, simplesmente, as respeitemos, nem para funcionarem como ponto de partida para outro lugar. Os diferentes puros não lutaram tanto para existir, não foram dados a existir, para que a Pedagogia e o Currículo apenas partissem de seus interesses e necessidades, para, depois, eliminarem todas as diferenças, em nome dos interesses e necessidades dos Mesmos, dos Sujeitos-Padrão, dos Sujeitos-Referência, dos Sujeitos-Verdadeiros.

Ao contrário, trata-se de trabalhar, o tempo inteiro, com as diferenças, de reforçá-las e problematizá-las radicalmente, de enfatizar as suas dinâmicas, de viver todas as suas experiências inquietantes e misteriosas.

Já que é por suas alteridades que estamos sendo interpelados e desafiados, enquanto educadores, na medida em que foram os diferentes que desequilibraram

as relações conhecidas, dissiparam a segurança identitária e tornaram estranho tudo o que antes nos era familiar: para que, junto a eles, assumíssemos a responsabilidade ética de educá-los em sua própria diferença.

Ou aprendemos as lições deste tempo desafiador e fazemos os diferentes e suas culturas entrarem, efetivamente, em nossos currículos e práticas pedagógicas, ou vamos acabar cedendo nosso lugar de educadores críticos e pós-críticos para os acrílicos: futebol, publicidade, ruas, gangues, drogas, crime, internet, prostituição infantil, trabalho forçado, filmes da Disney, tele-turma, tele-namoro, tele-sexo...

Ou a diferença pura se torna, de uma vez por todas, a principal argila de nosso trabalho, ou seremos educadores perdidos, à deriva, fora de nosso tempo. E o que é mais grave: não estaremos educando nossos alunos para um porvir plural e criativo, em que a educação faça diferença, pois, como já indicara Paulo Freire, importa ser educadores situados em seu tempo: “É certo que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que 'chegam' em sua geração. E não fundados em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões. A transformação do mundo necessita tanto de sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador”.

PS: O Tempo Terceiro é o dos imaginários. Nele, as ambiguidades são retomadas. Modalidade temporal fragmentária, polifônica, multireferencial. A sua única verdade é a do Caos, como reserva absoluta de complexidade. Há, aqui, a união (ao menos parcial) entre, de um lado, um Imaginário libertário e, de outro, um sentido agudo da precariedade dos projetos individuais e coletivos que o suportam. Este Tempo passa-se na seguinte cena: 1) a finitude fez-se insípida; 2) as subjetividades mass-mediadas; e 3) a coletividade se infantilizou. Mas, há uma ampliação dos modos de produção de Subjetividade.

5 - CURRÍCULO DA DIFERENÇA

Em que consiste, afinal, um currículo (ou um pós-curriculo) da diferença? Ora, ele é tudo o que se pode dizer e fazer de um currículo, hoje. Um dizer-fazer,

práticas curriculares construídas pela história dos educadores.

Um fazer-dizer, portanto, que apresenta continuidades em relação aos currículos que o precederam e também descontinuidades; ações e pensamentos reiterados e também disruptivos; manutenção de antigas e também invenção de novas relações com os outros e conosco mesmos.

Um pós-curriculo da diferença é, assim, todos os currículos que nos sentimos convocados a criar, quando abrimos o jornal todo o dia, neste preciso momento, no mundo, na história, e ficamos desassossegados, desconcertados, desalinhados, desarranjados, desnorteados com a existência dos diferentes e suas diferenças, a quem nos compete educar.

Além disso, ele é cada um daqueles currículos, ainda inimagináveis e indizíveis, necessários e impossíveis, que nos impelirão, daqui para a frente, a curricularizar cada vez mais perigosamente, e a fornecer outros pensamentos, sonhos, emoções e humanidades diferentes.

Currículos, sem dogmas e sem certezas, que avançam, abertos ao futuro como advento da justiça. Avançam, em seu trabalho em processo, em suas estradas em andamento, em seus mares a fluírem. Currículos, nos quais, todos os diferentes que trabalhamos, caminhamos, navegamos, possamos então neles viver, com mais singularidade e leveza, liberdade e beleza, alegria e dignidade.

Somos transmissores

(Adaptado de D. H. Lawrence)

Ao viver, somos transmissores de vida.

E quando deixamos de transmitir vida, a vida deixa de fluir através de nós.

E se, ao trabalhar, transmitimos vida em nosso trabalho, vida, mais vida ainda, escorre em nós, para compensar, para nos deixar dispostos,

e palpítamos, cheios de vida, pelos dias afora.

Mesmo se é apenas uma mulher fazendo uma torta de maçã,

ou um homem fazendo um banquinho de madeira,

se a vida entra na torta, boa será a torta,

bom será o banquinho,

feliz estará a mulher, plena de vida renovada,

feliz estará o homem.

Dai e vos será dado

é ainda a verdade da vida.

Mas dar vida não é assim tão fácil.

Não significa entregá-la a alguém tolo e mau, ou deixar que algum morto-vivo esgote a vida em você.

Significa nos tornarmos rios de água viva e deixar fluir a vida onde ela não existe, mesmo que seja apenas na dura rocha,

na alvura de um lenço recém-lavado, na alegria de uma aula produtivamente dada, ou nas fantasias, conceitos, perspectivas

da *Educação do Século XXI*

e suas artistagens

que enfrentam de cabeça erguida

o *Desafio da Diferença Pura*

para transmitir vida e mais vida ainda.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, S. M. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *Uma vida de professora*. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

_____. *Tema gerador: concepção e práticas*. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

_____. *Infância e educação: era uma vez... quer que conte outra vez?* Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Diferença pura de um pós-curriculo. In: LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth (Org.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 103-113.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

LAWRENCE, D. W. *Transmissores*. Adaptação da Tradução de Tomaz Tadeu. Porto Alegre, 2004. Digitado.

SANT'ANNA, A. R. de. *Epitáfio para o século XX*. (Coleção Poesia Falada). Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/aromano04.html#epita>>. Acesso em: 20 jan. 2008.

Recebido em junho de 2008.

Aprovado em agosto de 2008.
